

ENTREVISTA

CULTURA MATERIAL ESCOLAR E PATRIMÔNIO EDUCATIVO: DIÁLOGOS COM FRANCESCA PIZZIGONI¹

Gecia Aline Garcia* 

Desejo expressar minha gratidão à Professora Francesca Pizzigoni por ter gentilmente aceitado o convite para participar desta entrevista para a Revista História da Educação. Sua participação reveste-se de particular importância tanto para o nosso grupo de pesquisa quanto para esta iniciativa editorial, pois aporta uma contribuição significativa ao avanço dos estudos sobre a história da educação e sobre a cultura material escolar.

Cabe esclarecer que a entrevista foi realizada em dois momentos distintos e por meio de modalidades diferentes, porém complementares entre si. Em um primeiro momento, por meio de um roteiro escrito, a Professora Pizzigoni pôde sistematizar e refletir sobre as questões propostas. Posteriormente, tivemos a oportunidade de nos encontrar presencialmente² para dialogar em torno dos temas, das experiências e das memórias suscitadas pelo percurso da entrevista. Dessa forma, foi possível conferir maior dinamismo e vivacidade a este exercício de pesquisa e de reflexão compartilhada.

¹ Nota da Entrevistadora (N.E). Esta entrevista, se deu originalmente em italiano, e sua tradução foi realizada por Gecia Aline Garcia. A revisão técnica foi de Gizele de Souza, da UFPR.

² O encontro ocorreu na cidade de Curitiba, no estado do Paraná, na primavera de 2025, por ocasião do Seminário Internacional Cultura Material Escolar: pesquisas, experiências e diálogo com Teaching Objects History – TOH (Brasil, Argentina, Itália e Espanha), realizado no Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, sob a coordenação de Gizele de Souza. (N.E).

*Universidade Federal do Paraná (UFPR), Paraná, PR, Brasil.

Gecia Aline Garcia (GAG): No poema “Biografia”, da poetisa brasileira Cecília Meireles, ela afirma:

*Somos uma difícil unidade,
de muitos instantes mínimos, [...],
Mil fragmentos somos, em jogo misterioso,
aproximamo-nos e afastamo-nos, eternamente. (Meireles, 1993)*

Inspirando-nos nessa ideia dos múltiplos fragmentos e das unidades que compõem a biografia de cada vida, gostaríamos, de forma introdutória, de oferecer ao leitor alguns caminhos e passagens de sua trajetória. Poderia nos contar um pouco sobre você?

Francesca Pizzigoni (FP): Bom dia a todos e, antes de tudo, agradeço por esta oportunidade tão significativa, que muito me honra, de estar presente nesta Revista e de dialogar com vocês sobre o tema do patrimônio escolar.

Graduei-me com a professora Ester de Fort em História da Escola na Universidade de Turim, especificamente com uma tese dedicada aos manuais escolares do final do século XIX e às diferenças entre esses mesmos manuais na versão destinada às classes femininas e na versão destinada às classes masculinas.

Logo após a graduação, a própria professora De Fort me informou que um conhecido dela estava iniciando um projeto para criar, em Turim, um museu da escola: foi assim que tive a sorte de conhecer Pompeo Vagliani (presidente da Fundação Tancredi di Barolo e do MUSLI – Museu da Escola e do Livro Infantil de Turim) e de poder acompanhar todas as fases de construção do próprio Museu e do início de suas atividades didáticas e culturais.

Trabalhei no Museu por quase dez anos, período em que tive muitas oportunidades de participar de projetos e de colaborar com outras instituições, como a Universidade e o Município de Turim. Com este último, por exemplo, foi realizado o primeiro censo do material escolar histórico presente nas escolas da cidade.

Posteriormente, tive a oportunidade de obter uma bolsa de pesquisa na Universidade de Bolonha e, mais tarde, de me tornar pesquisadora no INDIRE, o Instituto Nacional de Documentação, Inovação e Pesquisa Educativa, que é o principal órgão de pesquisa do Ministério da Educação italiano, criado em 1925 como desdobramento de uma mostra promovida por Giuseppe Lombardo Radice para valorizar a didática ativa e o trabalho das escolas. Nesse meio tempo, concluí meu doutorado na França, com a professora Mariella Colin, na Universidade de Caen – Baixa Normandia.

A possibilidade de fazer avançar paralelamente as atividades de estudo e pesquisa, juntamente com a aplicação prática desses estudos por meio de ações com as escolas e projetos, realizados em parceria com diversas instituições, acabou contribuindo para aquilo que considero ser minha identidade específica.

(GAG): Professora, sua trajetória intelectual é marcada por importantes pesquisas no campo da História da Educação, com especial atenção aos estudos sobre a cultura material escolar, em particular aos catálogos comerciais de empresas produtoras de materiais escolares e aos museus escolares. Poderia revisitar sua trajetória acadêmica e profissional, relatando como se deu sua inserção nesse campo de estudos e quais percursos e experiências contribuíram para consolidar seu envolvimento com essas temáticas?

(FP): A oportunidade de participar do nascimento e do desenvolvimento de uma realidade tão significativa como o Museu da Escola e do Livro Infantil de Turim permitiu-me estar diariamente em contato com objetos didáticos históricos e com a materialidade escolar em seu conjunto.

O Museu e a Fundação Tancredi di Barolo, da qual ele depende, possuem também um precioso arquivo, rico em fontes primárias importantes, indispensáveis para compreender profundamente não apenas as coleções do museu, mas o próprio universo escolar. Sentindo, portanto, a necessidade de conhecer a fundo as coleções que eu via todos os dias no museu e, que procurava explicar aos numerosos alunos que vinham visitá-lo, aprofundi uma reflexão ligada à importância da contextualização profunda do objeto escolar histórico, para que ele seja compreendido não apenas em seu nível descritivo, mas também em todos os significados profundos e multidisciplinares que carrega consigo.

Um objeto é certamente um suporte didático de uma disciplina específica, mas é também expressão de uma indústria produtiva de uma determinada época, de uma sensibilidade artística, das condições econômicas de um território ou de uma escola que o adquire, entre outros fatores.

Comecei, então, a conceber o objeto didático individual como um ponto de encontro de múltiplas trilhas de pesquisa. Por essa razão, senti a necessidade de identificar quais fontes poderiam me fornecer informações capazes de alimentar essa visão. Identifiquei nos catálogos comerciais das empresas produtoras de objetos didáticos uma das fontes mais aptas a fornecer dados capazes de satisfazer grande parte dessas trilhas investigativas.

O catálogo permite estudar, por exemplo, as mudanças, ao longo do tempo, de um objeto didático; seus autores ou inventores; as necessidades didáticas que ele atende; o pensamento pedagógico subjacente; a sensibilidade técnico-produtiva do momento; o gosto estético; o custo do objeto e assim por diante.

A coleção de catálogos comerciais preservada no MUSLI de Turim certamente orientou e facilitou essa escolha. Paralelamente, ao viver tão próxima de uma coleção histórico-educativa concebida para ser um percurso expositivo para o público, senti a necessidade de estudar a história e a identidade desses museus dedicados à educação e à pedagogia, a fim de compreender profundamente sua natureza, seus propósitos iniciais e seus objetivos originais.

Quanto mais eu aprofundava esse aspecto que, me permitiu viajar pela Itália e pelo exterior para conhecer de perto diferentes tipologias de museus da educação, mais me interessava o

conceito oitocentista de museu escolar, nascido como um conjunto de amostras naturais e artificiais que possibilitavam uma didática baseada nos cinco sentidos, que é justamente a expressão do pensamento pedagógico positivista.

Como é sabido, de uma coleção inicialmente autoproduzida pela própria escola e composta por amostras, o museu escolar logo se transformou em uma verdadeira coleção também de recursos didáticos produzidos pelo mercado industrial para apoiar o ensino de todas as disciplinas escolares. Assim, o entrelaçamento entre o tema do museu escolar e aquele das empresas produtoras de materiais didáticos, bem como de seus catálogos comerciais que apresentam esses recursos, torna-se forte e intrínseco. Esse entrelaçamento caracteriza a minha identidade de pesquisa.

(GAG): Francesca, sua produção acadêmica tem se caracterizado por um intenso diálogo internacional e pela interlocução com diversas tradições historiográficas. Nesse sentido, quais foram as referências teóricas e perspectivas que mais influenciaram sua trajetória de pesquisa?

(FP): Num primeiro momento, meus estudos sobre a história da educação foram orientados por dois estudiosos que trabalhavam na Universidade de Turim e que muito contribuíram para a pesquisa italiana no campo da história da educação e dos manuais escolares: Ester De Fort e Giorgio Chiosso. Em nível internacional, uma referência fundamental foram os pesquisadores vinculados ao então INRP – Instituto Nacional Francês de Pesquisa Pedagógica. Seus estudos foram essenciais para mim, tanto o pensamento de Alain Choppin, quanto as coleções do Museu Nacional da Educação de Rouen, onde as trocas com Yves Gaulupeau e Myriam Boyer abriram novas perspectivas para o estudo do museu escolar.

A partir desse momento, minhas reflexões passaram a ser orientadas por dois tipos de referências. Por um lado, o aprofundamento do tema das novas fontes materiais para o estudo da história da educação não poderia deixar de ser constituído a partir dos estudos de Marc Depaepe e Frank Simon, Ian Grosvenor e Martin Lawn, Agustín Escolano, Antonio Viñao Frago, Julio Ruiz Berrio. Por outro lado, desenvolveu-se uma concepção do patrimônio histórico-escolar como um vestígio material de uma memória comum, pertencente a todos os cidadãos e às suas comunidades e, portanto, como um possível instrumento a ser utilizado de forma ativa para estimular projetos de participação comunitária e de didática ativa (como, por exemplo, a construção, hoje, do museu escolar com os estudantes).

Neste último caso, minhas referências foram George Henry Rivière e Hugues de Varine, com o conceito de ecomuseu, e Daniele Jalla. Naturalmente, no desenvolvimento dessas reflexões, tiveram grande contribuição as pesquisas de Juri Meda, Pedro Luis Moreno Martínez, Maria José Martínez Ruiz-Funes, Marta Brunelli, Renaud D’Enfert e de muitos outros pesquisadores internacionais que tive a sorte de conhecer.

Nos últimos anos, o conceito de “indústria escolar”, e penso aqui nos trabalhos de Moeglin, Lawn, Grosvenor, e Meda, tem sido particularmente estimulante, assim como os estudos

sobre Exposições Internacionais como espaços de circulação de ideias e motores de inovação (Dussel, Dittrich, Del Pozo). É neste contexto que se insere meu encontro fundamental com a comunidade científica brasileira. Fontes e abordagens metodológicas apresentadas por Gizele de Souza, Diana Vidal, Rosa Fátima de Souza Chaloba, entre outros, acrescentaram elementos fundamentais à minha formação e ampliaram minha visão de pesquisa.

(GAG): Maria Helena Câmara Bastos (2016), ao refletir sobre os desdobramentos da História da Educação no Brasil, observa que o campo, embora tenha se fortalecido nos cursos de pós-graduação e na pesquisa, com maior diversidade temática, interdisciplinaridade e internacionalização, sofreu um progressivo esvaziamento nos currículos dos cursos de graduação em Pedagogia, criando um distanciamento entre pesquisa e ensino. No entanto, a autora afirma que esses dois âmbitos são indissociáveis e que ambos alimentam a vitalidade do campo. A partir de sua experiência, gostaria de saber como você interpreta essa tensão entre pesquisa e ensino na História da Educação. Que caminhos vislumbra para garantir a continuidade e o fortalecimento da disciplina, tanto no âmbito do ensino quanto no da produção acadêmica, especialmente diante dos desafios colocados pela internacionalização e pelas narrativas hegemônicas que ainda persistem?

(FP): Vejo a pesquisa histórico-educativa e seus desdobramentos no ensino como um círculo indissociável, em um hipotético movimento de rotação, no qual a ação de uma repercute diretamente na outra. Elas não estão dissociadas nem distantes. Tudo aquilo que é estudado como pesquisa acadêmica em história da educação, a meu ver, deve conter uma dimensão que impacte a formação de professores e também a didática cotidiana em sala de aula.

Digo isso considerando, por um lado, os próprios conteúdos da pesquisa em história da educação, que podem envolver diretamente os interesses de professores e estudantes ao abordar temas que alimentam aulas interdisciplinares amplas e diversificadas, bem como percursos de aprofundamento capazes de captar a atenção da própria comunidade escolar; e, por outro lado, o método da pesquisa historiográfica, que tem a capacidade de ensinar docentes e alunos a utilizar as fontes, contextualizá-las, correlacioná-las e extrair delas significados.

Pensemos em como, em sua origem, se constituíam os museus pedagógicos: eram centros de pesquisa e de inovação e, ao mesmo tempo, centros de formação. O conceito de inovação ainda hoje deve estar no centro de nossas reflexões, sendo necessário compreender de que modo o estudo da história da educação pode, certamente, atuar como um motor de inovação. Não se trata, evidentemente, de investigar o passado por si mesmo, mas de estudá-lo e compreendê-lo em profundidade para extrair elementos que nos ajudem a compreender a educação e a escola de hoje e a avaliar se os exemplos do passado, devidamente contextualizados, podem oferecer novos aportes à escola contemporânea; inclusive como recursos para o desenvolvimento de práticas de didática ativa.

Um dos métodos que utilizo consiste em transformar professores e estudantes em pesquisadores da história da educação. Eu os coloco “em situação”: forneço fontes primárias, formatos e instrumentos que possam acompanhar a descoberta de informações histórico-educacionais e possibilito que percebam a amplitude de dados que podem ser extraídos de uma fonte material escolar histórica. Compreender o papel do historiador da educação, assim como o método com o qual ele trabalha e as amplas repercussões que seus estudos podem ter sobre a escola atual, é fundamental. É exatamente esse método que venho utilizando tanto em minhas aulas e espaço de pesquisa na universidade quanto em minhas ações de formação junto às escolas.

(GAG): A historiadora Natalie Zemon Davis (1986) afirma que, ao reexaminar as fontes históricas, o historiador não encontra provas do que foi o passado, mas sim possibilidades históricas, preenchidas por uma capacidade imaginativa e investigativa. Inspirando-nos nessa perspectiva, em que momento de sua trajetória você identificou os museus escolares como um objeto fértil para a pesquisa histórica? Mais especificamente, quando começou a concebê-los não apenas como espaços de preservação da memória, mas como ambientes vivos, dinâmicos e interdisciplinares, com potencial formativo e capazes de articular passado, presente, pesquisa e prática pedagógica?

(FP): Entre 2009 e 2011 tive o privilégio de coordenar, pela parte italiana, um projeto europeu entre a cidade de Turim e a cidade de Lyon, na França. O projeto se chamava “A escola é o nosso patrimônio” e envolvia escolas de ambos os países no conhecimento do próprio patrimônio cultural. Percebi, então, o quanto alunos e professores se sentiam envolvidos quando o tema de trabalho era a própria escola. Paralelamente, em meus estudos encontrei o conceito de museu escolar oitocentista, em sua natureza de coleção de objetos naturais e artificiais que tornavam o aluno protagonista de sua aprendizagem e que dinamizavam o ensino de todas as disciplinas. Pensei que seria possível tentar reconstruir nas escolas o museu escolar, utilizando não mais as amostras naturais e artificiais mencionadas por Ferdinand Buisson, mas sim todos os objetos didáticos históricos que cada escola conservava, vestígios da didática do passado daquela instituição e de sua história, e que seria possível envolver diretamente alunos e professores para aproveitar positivamente o engajamento que eu havia observado quando se trabalha com o patrimônio da própria escola.

Assim, quando o projeto com a França foi concluído, em 2011, pensou-se em tentar realizar uma ação de disseminação, convidando as escolas de Turim que desejassem participar a desenvolver um percurso autônomo, porém orientado, que conduzisse ao pleno reencontro com seu próprio material didático histórico. Desse modo, ele podia ser utilizado tanto como objeto que originalmente ensinava de maneira ativa uma disciplina quanto como vestígio da história e identidade daquela escola. Nasceu assim o percurso “Você quer construir o seu museu escolar?”, idealizado por mim juntamente com Franca Treccarichi, que trabalhava

no serviço Museiscuol@ da cidade de Turim. As escolas interessadas eram acompanhadas em um percurso de formação, de apoio à redescoberta de seu patrimônio e em sete etapas para construir seu museu escolar. Ao longo de um ano letivo, o percurso permitia a cada escola passar de um total desconhecimento de seu patrimônio a um uso ativo e integral, transformando-o em instrumento para a didática cotidiana e também para abrir a escola ao território. É exatamente nesse sentido, como a pergunta sugere, que no projeto turinês que idealizei os museus escolares como ambientes vivos, dinâmicos e interdisciplinares, com potencial formativo e capazes de articular passado, presente, pesquisa e prática pedagógica

(GAG): Francesca, em 2011 foi desenvolvido na Itália o projeto “Você quer construir o seu museu escolar?”, cuja proposta central, como você mesma analisa (Pizzigoni, 2022), era a conservação e a valorização do patrimônio histórico das escolas, promovendo o envolvimento direto de estudantes e professores nesse processo. Poderia nos contar mais sobre esse projeto e sobre sua participação nele? Quais foram, a seu ver, os principais resultados alcançados e de que modo a participação ativa da comunidade escolar contribuiu para redefinir a relação entre memória, patrimônio educativo e práticas pedagógicas?

(FP): Ao idealizar este projeto, que este ano celebra seus 15 anos de existência e que levou ao nascimento de uma rede de escolas que, ao longo desse período, criaram em seu interior o seu próprio museu escolar, parti de algumas considerações: o patrimônio histórico educativo encontra-se em grande parte exatamente naqueles lugares onde era utilizado quando, em vez de ser considerado patrimônio, era simplesmente visto como objeto da didática cotidiana: a escola. No entanto, a escola, por um lado, não é um museu nem uma instituição cujo objetivo primário seja a conservação do patrimônio (e, portanto, deve ser apoiada nessa função de conservação e valorização do patrimônio cultural que guarda) e, por outro lado, encontra-se hoje diante de desafios amplos e complexos, como: inclusão, cidadania ativa, uso consciente das informações etc.).

Paralelamente, uma segunda reflexão dizia respeito ao ponto de vista da comunidade científica: esta utiliza cada vez mais as fontes materiais conservadas nas escolas como fontes primárias de pesquisa, mas, se tais bens permanecem escondidos nos porões das instituições (muitas vezes sem que a própria escola tenha consciência disso) e não são conhecidos, comunicados e catalogados, é como se não existissem e, portanto, não estão realmente à disposição dos pesquisadores.

Era evidente que múltiplas necessidades convergiam para o tema cultura material escolar. A pergunta que me fiz foi: pode existir uma solução que, simultaneamente, tente responder a todas essas necessidades diferentes? Existe uma forma de usar esse patrimônio cultural de maneira que ele se torne um recurso para todos e capaz de oferecer respostas às exigências da escola contemporânea, tanto do ponto de vista educativo quanto do ponto de vista da pesquisa?

A ação de acompanhar a escola na redescoberta de seu patrimônio, trazê-lo novamente à luz por meio do envolvimento direto de seus alunos e utilizá-lo depois na didática cotidiana, esforçando-se também para comunicá-lo e disponibilizá-lo ao público, permitia encontrar essa resposta. Os alunos podiam sentir-se protagonistas, ativando-se e adquirindo conhecimentos e competências; a escola redescobria sua própria história e identidade; os cidadãos podiam fruir de um patrimônio que acompanha a vida de todos (a escola); e a pesquisa tinha à disposição novas fontes antes escondidas. Ao mesmo tempo, o trabalho com o patrimônio não apenas funciona como elemento capaz de criar coesão dentro da comunidade escolar, mas também como formação em serviço para os professores. Assim, a memória torna-se generativa. Torna-se um instrumento didático novo, multidisciplinar e inclusivo. E também uma oportunidade de cidadania ativa. A pedagogia, portanto, se expressa em todos os seus aspectos e níveis, e o patrimônio histórico educativo se torna um instrumento de expressão concreta dessa pedagogia.

Seguindo esses princípios, ao longo desses 15 anos, o projeto “Você quer construir o seu museu escolar?” redescobriu e salvaguardou muitos objetos do patrimônio histórico educativo, fez com que muitas escolas reencontrassem sua própria história material e, por meio dela, parte de sua identidade; permitiu que professores se formassem no uso do patrimônio aplicando metodologias didáticas ativas e interdisciplinares; sensibilizou instituições e comunidades; ofereceu aos cidadãos uma nova oportunidade cultural; e, por fim, permitiu que muitos alunos se tornassem reais protagonistas de sua aprendizagem.

(GAG): No âmbito de suas pesquisas sobre o patrimônio educativo e sobre a cultura material escolar, a professora coordenou e participou do projeto “O patrimônio somos nós!”, cuja proposta era criar museus escolares a partir dos vestígios materiais pertencentes às escolas locais, envolvendo estudantes, professores e famílias da comunidade escolar. Quais aspectos desse projeto considera mais inovadores ou relevantes para quem estuda ou pretende realizar experiências semelhantes de museus escolares e valorização do patrimônio educativo? Quais desafios práticos e metodológicos destacaria nesse processo?

(FP): “*O patrimônio somos nós!*” foi um projeto difundido no território que pretendia oferecer a um grande número de escolas a oportunidade de trabalhar sobre o próprio patrimônio. O ponto central de toda a minha visão sobre o trabalho das escolas com seu patrimônio é transformar alunos e professores em pesquisadores. Ou seja, fornecer-lhes as mesmas fontes e o mesmo método que nós, pesquisadores, utilizamos em nossas pesquisas acadêmicas. É evidente que nem todos os documentos são facilmente acessíveis e que o repertório científico não é o mesmo, mas cada um deles se transforma em alguém capaz de “interrogar” um material do patrimônio para extrair toda a vasta rede de informações (multidisciplinares) que ele pode revelar. Cada informação deve então ser contextualizada e correlacionada, de modo que se torne uma peça de um quadro de conhecimento profundo que fornece informações sobre a

história da educação daquela escola específica e da escola em geral, sobre pedagogia, política escolar, micro-história e macro-história, indústria escolar, história econômica, história de patentes e muitos outros aspectos. Os estudantes trabalham em grupo e cada um contribui com suas capacidades específicas. A experiência mostra-me que, ao longo de um ano letivo, cada escola (independentemente de sua data de fundação ou de seu nível de ensino) pode percorrer o caminho que vai da primeira descoberta do patrimônio à realização de seu próprio museu escolar. Nos anos seguintes, a ação prossegue com aprofundamentos contínuos, desenvolvidos segundo linhas temáticas que respondem às necessidades de cada instituição. O projeto, portanto, além das ações sobre o patrimônio, também pretende fornecer um método de trabalho e de estudo sobre o tema. E também apoiar um protagonismo de participação cidadã no qual as escolas cuidam do bem comum e se tornam produtoras de novo conhecimento. Trata-se de uma espécie de “papel público” da história da educação, em que o patrimônio escolar é a chave para mostrar o papel ativo e gerador da pesquisa histórico-educativa e sua presença na vida cotidiana e na vida de toda uma comunidade.

(GAG): Professora, considerando sua trajetória de pesquisa caracterizada por colaborações acadêmicas internacionais, como a França e a Espanha, como articulou e desenvolveu o diálogo científico com o Brasil? De que maneira essa interação influenciou sua atividade profissional e contribuiu para o avanço de suas investigações e pesquisas científicas? Quais projetos está atualmente conduzindo ou coordenando nesse contexto?

(FP): O encontro com a comunidade científica brasileira, iniciado graças à contribuição fundamental da Professora Gizele de Souza, da Universidade Federal do Paraná, foi para mim profundo e transformador. Foi exatamente desse encontro que nasceu o grupo internacional de pesquisa TOH – Teaching Object History, que reúne estudiosos brasileiros, italianos, franceses e espanhóis e que se dedica ao estudo específico dos objetos educativos históricos. Foi justamente a professora Gizele de Souza que, ao final de um painel que eu havia organizado no âmbito do ISCHE 2022 em Milão, convidou-me a não considerar concluída a experiência de colaboração iniciada naquela ocasião, mas a transformá-la em algo estável e contínuo. A partir daí, nasceram workshops internacionais e publicações que realizamos conjuntamente com a comunidade científica brasileira (Looking for the First “Educational Technologies”: Commercial Catalogues as Sources for the Study of the Birth of School Materialities; Objects that travel in time. The commercial circulation of educational objects between the 19th and 20th centuries, para citar apenas alguns exemplos).

Recentemente, em outubro de 2025, tive o privilégio e o prazer de estar no Brasil para participar de importantes congressos internacionais dedicados à cultura material, organizados em Curitiba por Gizele de Souza, da Universidade Federal do Paraná; em Brasília por Etienne Baldez, da Universidade de Brasília; e em Aracaju por João Paulo Gama, da Universidade Federal de Sergipe. Essas oportunidades tão significativas permitiram-me conhecer pessoalmente

muitos estudiosos brasileiros cujos trabalhos têm sido, para mim, fonte de inspiração e de grande aprofundamento. Devo realmente muito à comunidade científica brasileira. Penso na oportunidade de estar presente hoje nesta revista e em diálogo com vocês; na oportunidade de participar, com a experiência do museu escolar e do aluno “patrimoniere”, do dossiê monográfico “Patrimônio, acervos e a pesquisa em História da Educação”, organizado por Claudia Panizzolo e Terciane Ângela Luchese para a Revista RIDPHE_R – Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo; ou ainda na oportunidade de participar de um projeto de pesquisa internacional promovido por Rosa Fátima de Souza. Ter tido a oportunidade de fazer parte da Rede “Cultura Material Escolar”³ ou ver meu método do “Patrimoniere” (isto é, do aluno que se torna especialista no patrimônio de sua própria escola) assumido pelos alunos do Colégio da Imaculada Conceição de Curitiba, foi um verdadeiro privilégio para mim. Desejo agradecer profundamente a Andréa Cordeiro, da Universidade Federal do Paraná, e a Gecia Aline Garcia por essa grande oportunidade que mencionei por último.

Em síntese, o feliz encontro com a comunidade científica brasileira está me oferecendo grandes experiências de pesquisa e permitindo consolidar uma relação muito preciosa entre Brasil e Itália no âmbito da cultura material, o que possibilitará investigar conjuntamente novas linhas de pesquisa, como, por exemplo, seguir os vestígios das relações entre empresas produtoras de materiais didáticos dos dois países, que se encontravam no passado por ocasião das grandes Exposições Universais.

(GAG): Ao considerar o percurso dos estudos sobre a cultura material escolar, observamos que diversos pesquisadores contribuíram tanto para a consolidação quanto para a problematização desse campo. Rosa Fátima de Souza (2007), por exemplo, destaca como a atenção à materialidade das práticas educativas conduziu a pesquisas voltadas tanto para a história das instituições escolares, privilegiando aspectos como o espaço, a arquitetura, o currículo e as práticas; quanto para a história da leitura e da escrita, com especial atenção a manuais, cartilhas, cadernos, periódicos e outros suportes materiais que mediaram a difusão dos saberes.

Agustín Escolano (2000), por sua vez, enfatiza a dimensão empírico-prática e a memória profissional construída pelos professores por meio dos artefatos pedagógicos criados no cotidiano escolar, revelando uma cultura docente que se materializa nos objetos. Autores como Gizele de Souza (2019, 2024) e Diana Vidal (2017) evidenciaram a importância de compreender a cultura material escolar em sua historicidade e em sua diversidade material, ressaltando que os objetos não apenas refletem as práticas educativas, mas constituem um conjunto de artefatos que circulam em espaços políticos, econômicos e culturais, sendo resultado de

³ Projeto que vigorou de 2020 a 2024 e foi coordenado pelos professores Gizele de Souza, Marcus Levy Bencostta e Andréa Bezerra Cordeiro, da Universidade Federal do Paraná. (N.E)

relações de troca de saberes e de dinâmicas de produção e comercialização, o que os torna reveladores de múltiplas dimensões sociais.

Em diálogo com essas perspectivas interpretativas, como você compreende o conceito de cultura material escolar e de que modo ele favorece a investigação de suas questões de pesquisa? Em que medida essa concepção se aproxima ou se distingue da noção de patrimônio histórico educativo, frequentemente utilizada na Itália para designar práticas de conservação e valorização da memória educativa?

(FP): Vejo um objeto pertencente à cultura material escolar como uma espécie de realidade em múltiplas camadas, poli-significante, que permite revelar planos plurais de informação. Desde aqueles que pertencem mais ao campo da teoria pedagógica até aqueles que mostram as repercussões didáticas e as práticas dos diferentes períodos históricos, passando pelos aspectos mais ligados à materialidade. Por essa razão, sem querer fazer uma mera celebração da cultura material e sem considerar as fontes materiais como autossuficientes para compreender toda a complexidade da história da educação, tenho grande confiança na capacidade da cultura material de ampliar os planos interpretativos e fornecer informações significativas (e muitas vezes novas) sobre temas plurais de investigação. Não separaria, portanto, os vários planos de trabalho aos quais a cultura material pode contribuir, mas ressaltaria sua capacidade de adaptar-se às necessidades de pesquisa e às necessidades do pesquisador: quando “interrogada” com metodologias adequadas ao contexto de estudo, ela pode fornecer contribuições relevantes. Considero também que a cultura material, em sua forma tão multifacetada (arquiteturas escolares, documentos de arquivo, artefatos, vestígios de uso etc.), presta-se ao diálogo com muitos outros tipos de fontes de pesquisa, com as quais não entra em contradição, mas se complementa.

O conceito de cultura material escolar e o de patrimônio histórico educativo, a meu ver, ainda merecem um esforço da comunidade científica internacional para chegar a uma identidade específica de cada um deles, para estabelecer limites, categorias, sujeitos e objetos. Em outras palavras, um esforço de definição. O patrimônio histórico educativo inclui materiais pertencentes também à vida extraescolar e ligados, portanto, à esfera privada, familiar, meramente educativa, de apoio ao crescimento ou recreativa, ou ainda relacionada aos primeiros anos de vida: um Museu da Educação é diferente de um Museu da Escola. Mas, se tivéssemos de discutir e listar exatamente o que faz parte de um e de outro e quais categorias de materiais os identificam, ainda teríamos dificuldade em chegar a um consenso. Acredito que agora, trinta anos após os estudos de Julia e de Chervel sobre a cultura material, o momento seja propício para que todos juntos façamos um esforço para chegar a critérios internacionalmente compartilhados, de modo a permitir-nos falar uma “linguagem comum”, capaz de fortalecer ainda mais as referências recíprocas e os projetos conjuntos. Nesse sentido, apreciei muito a iniciativa científica relacionada à “Carta de Natal sobre o Patrimônio Educacional”, que se dedica a definir o Patrimônio Cultural Educativo, e acompanharei com grande interesse o desenvolvimento das pesquisas da comunidade científica brasileira.

(GAG): Na vida acadêmica, muitos caminhos se abrem diante de nós, mas nem todos podem ser trilhados: alguns projetos permanecem inacabados, outros permanecem apenas como ideias que não chegam a concretizar-se, seja por falta de tempo, recursos ou condições favoráveis. Tendo isso em vista, gostaríamos de saber: quais são as direções atuais de suas intenções de pesquisa? E, se desejar compartilhar, há algum tema que sempre despertou seu interesse, mas que ainda não teve oportunidade de aprofundar?

(FP): Neste momento específico do meu trabalho, estou me dedicando a investigar as potencialidades que podem derivar da aplicação da Inteligência Artificial às fontes documentais histórico-educativas. Em particular, estou experimentando a aplicação da IA à leitura dos conteúdos dos catálogos históricos das empresas produtoras de objetos didáticos, com o objetivo de extrair e organizar informações sobre esses objetos. O projeto chama-se Cata-LOH e fornece dados precisos sobre os objetos didáticos (empresa produtora, autor, material, custo, participação em Exposições, prêmios recebidos etc.) mencionados nas páginas de um corpus de cem catálogos de diferentes empresas, abrindo a possibilidade de realizar estudos sobre a “vida” de um único objeto, sobre a produção de um autor, sobre os objetos disponíveis para as diversas disciplinas e assim por diante. No momento, extraímos informações sobre 55 mil objetos didáticos, mas trata-se de um trabalho em andamento: ao ampliarmos o corpus de catálogos, poderemos ampliar os dados. A intenção é transformá-lo em um sistema internacional, com catálogos de empresas de vários países, de modo a permitir rastrear conexões e recorrências entre objetos didáticos utilizados ao redor do mundo. A disponibilidade de tantos novos dados de pesquisa mostrou-me, por um lado, a possibilidade de refletir sobre como um sistema desse tipo poderia localizar automaticamente a presença de uma mesma palavra em diferentes fontes documentais (revistas pedagógicas, publicidades, relatórios, catálogos etc.) e evidenciar ao pesquisador todas as informações presentes nas fontes primárias associadas ao seu interesse de pesquisa. O sistema Cata-LOH, por escolha de projeto, não interpreta os dados (não se trata de uma inteligência artificial que substitui o pesquisador), mas simplesmente os disponibiliza em poucos segundos, reduzindo significativamente o tempo de pesquisa e aumentando exponencialmente os resultados que cada pesquisador pode produzir graças à sua capacidade intelectual.

Esse é um desejo projetual para o futuro. Neste momento, um segundo campo de pesquisa ao qual estou me dedicando diz respeito ao meu papel em uma comissão de trabalho da SIPSE – Sociedade Científica Italiana para o Estudo do Patrimônio Histórico Educativo. Minha comissão dedica-se ao tema da catalogação de bens escolares históricos. Sem uma catalogação que permita identificar o bem, tanto em relação à sua localização quanto à sua identificação e descrição, o objeto permanecerá sempre em risco de dispersão ou, em todo caso, não será uma fonte reconhecida, rastreável e disponível para a comunidade de pesquisa. Por essa razão, assinamos um acordo com o Instituto responsável pela catalogação do patrimônio cultural na Itália, vinculado ao Ministério da Cultura, para experimentar a catalogação do patrimônio escolar histórico.

(GAG): Para concluir, gostaria de fazer uma pergunta de caráter mais afetivo. Em 1974, Nereo Rapetti dirigiu um documentário sobre a vida cotidiana de Italo Calvino e, em determinado momento, Rapetti relata que aquele encontro com Calvino em Paris ocorreu em duas dimensões: por um lado, como escritor que lê a cidade como se fosse um livro; por outro, como um homem que vê no passado da cidade o reflexo de seu próprio passado. Inspirando-nos nessa reflexão, ao recordar sua infância em Turim, há algum objeto escolar que lhe vem à mente de modo particular? Poderia nos contar por que ele permanece tão presente em suas lembranças e de que modo essa memória se conecta ao seu percurso como pesquisadora da cultura material escolar?

(FP): Frequentei uma escola dos Irmãos Cristãos em que os corredores que levavam à minha sala de aula eram quase inteiramente cobertos por vitrines com animais empalhados. Já naquela época eles me impressionavam. Eu não sabia que um dia fariam parte do meu objeto de pesquisa! A ideia de que aqueles e outros materiais permitiam a tantos estudantes ver de perto “coisas” que, de outra forma, teriam de apenas imaginar ou estudar de modo abstrato, sempre me interessou muito. Vejo os museus escolares e as coleções didáticas como um instrumento de acesso à aprendizagem: cada aluno, com sua história pessoal e com seu estilo cognitivo, pode compreender o que está estudando. A didática baseada nos cinco sentidos, a aprendizagem ativa e o método objetivo sempre me impactaram, desde jovem. E quando, durante meu percurso universitário, estudei o pensamento pedagógico de Aristide Gabelli, que em 1880 afirmava que a escola tinha o dever de impulsionar o “instrumento cabeça” do aluno, fazendo com que cada um se tornasse “mestre de si mesmo” e tivesse, portanto, os instrumentos para refletir e compreender autonomamente e para enfrentar o mundo, compreendi que Gabelli influenciaria meu futuro!

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Maria Helena Câmara. O que é a História da Educação no Brasil hoje? Tempos de reflexão. *Espacio, Tiempo y Educación*, v. 3, n. 1, p. 43-59, 2016. DOI: <https://doi.org/10.14516/ete.2016.003.001.4>.
- CHERVEL, André. *Les auteurs français, latins et grecs au programme de l'enseignement secondaire de 1800 à nos jours*. Paris: Institut national de recherche pédagogique; Publications de la Sorbonne, 1986.
- CHERVEL, André. L'histoire des disciplines scolaires: réflexions sur un domaine de recherche. *Histoire de l'éducation*, n. 38, p. 59-119, 1988.
- DÁVILA BALSERA, Paulí; PIZZIGONI, Francesca Davida; SOUZA, Gizele de. Tracce di patrimonio: fonti per lo studio della materialità scolastica nell'Italia del secondo Ottocento. *Rivista di Storia dell'Educazione*, v. 11, n. 1, p. 129-133, 2024. Resenha de: PIZZIGONI, Francesca Davida. *Tracce di patrimonio*. Lecce: Pensa Multimedia, 2022. DOI: <https://doi.org/10.36253/rse-16014>.
- DAVIS, Natalie Zemon. Entrevista com Natalie Davis. In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da história*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- ESCOLANO BENITO, Agustín. Las culturas escolares del siglo XX: encuentros y desencuentros. *Revista de Educación*, Espanha, número extraordinário, p. 201-218, 2000.
- ESCOLANO BENITO, Agustín. La cultura material de la escuela y la educación patrimonial. *Educatio Siglo XXI*, v. 28, n. 2, p. 43-64, 2010.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Tradução de Gizele de Souza. *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, n. 1, p. 9-43, 2001.
- MEIRELES, Cecília. Biografia. In: MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993. p. 1118-1119.
- RAPETTI, Nereo. *Documentário sobre a vida cotidiana de Italo Calvino*. Itália: Televisão suíço-italiana / Incontri: fatti e personaggi del nostro tempo, 1974. Documentário.
- SOUZA, Gizele de. *Instrução, o talher para o banquete da civilização: cultura escolar dos jardins de infância e grupos escolares no Paraná (1900-1929)*. 2004. Tese (Doutorado em História, Política e Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.
- SOUZA, Gizele de; GASPAR DA SILVA, Vera Lucia. Apresentação: artefatos escolares e saberes em estudos de cultura material. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 35, n. 76, p. 7-12, jul./ago. 2019.
- SOUZA, Gizele de; GARCIA, Gecia Aline; CORDEIRO, Andréa Bezerra; BENCOSTTA, Marcus Levy. *Fontes, enredos e acervos: cultura material escolar em pesquisa(s)*. Curitiba: Nepie, 2024.
- SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-189.
- VIDAL, Diana Gonçalves. História da Educação como arqueologia: cultura material escolar e escolarização. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 251-272, jan./abr. 2017.

Gecia Aline Garcia é Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com ênfase em História e Historiografia da Educação. Realizou Doutorado Sanduíche na Università degli Studi di Macerata (Itália), por meio do Programa Institucional de Internacionalização CAPES - PrInt, vinculada ao Departamento de Educação, Bens Culturais e Turismo. Atualmente, é professora regente na Prefeitura de São José dos Pinhais e professora orientadora de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) na Especialização em Docência para a Educação Infantil pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

E-mail: gecia.garcia@gmail.com

Declaração de Disponibilidade de Dados: Não se aplica.

Recebido em: 27/12/2025

Aprovado em: 30/01/2026

Editora Responsável: Vania Grim Thies